UM ANO DECEPCIONANTE PARA A AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA

ROBERTA POSSAMAI[1], FELIPPE SERIGATI[2]

Contrariando as análises iniciais, a produção da agroindústria não está atingindo o nível esperado para o ano. Mesmo com as quedas na maioria dos meses, a agroindústria acumula uma alta de 3,8%. É importante destacar que a base de comparação está contaminada pelos efeitos da primeira onda de COVID-19, em 2020, que foram muito adversos para o segmento de produtos não alimentícios, mas benéficos para o de produtos alimentícios e bebidas. Ainda se espera que a produção agroindustrial termine o ano em campo positivo.

O ANO de 2020 foi marcado pelas turbulências causadas pelo início da pandemia de COVID-19, que atingiram não só a agroindústria brasileira, mas a economia como um todo. Apesar disso, a produção agroindustrial iniciou 2021 em uma trajetória de recuperação, com expectativas positivas, e o crescimento anual teria sido derivado tanto da herança estatística existente, como da esperança de uma expansão efetiva. Infelizmente, ao contrário do que se imaginava, o ano não está sendo um dos melhores para o setor.

Embora a produção acumule uma alta de 3,8% neste ano (janeiro a agosto últimos frente ao mesmo período de 2020) – derivada de um crescimento de 14,4% em produtos não alimentícios e uma contração de 4,6% em produtos alimentícios e bebidas –, é notável a perda de fôlego mês após mês. Vale lembrar que essa diminuição de ritmo é observada em ambos os segmentos agroindustriais, uma vez que tanto produtos alimentícios e bebidas quanto produtos não alimentícios voltaram, nos últimos meses, a operar em um patamar similar ao de 2019 (dois anos atrás!). Nesse sentido, constata-se que, em agosto último, a agroindústria registrou a sexta contração do ano na comparação mensal.

Porém, é importante salientar que, mesmo com essa perda de dinamismo, é bem possível que o setor termine este ano em campo positivo – mas isso só será viável devido à estreita base de comparação. Diante disso, a alta de produção da agroindústria deverá ser puxada, notadamente, pelo segmento de produtos não alimentícios,



SHUTTERSTOCK

que, em 2020, se contraiu em 7,3%, tendo sido impactado fortemente pelas consequências da primeira onda de COVID-19 no País.

AGROINDÚSTRIA EM QUEDA NOVAMENTE

De acordo com o Índice de Produção Agroindustrial (PIMAgro), do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro), a agroindústria contraiu-se em 0,4% em agosto último frente ao mês imediatamente anterior, já considerados os ajustes sazonais.

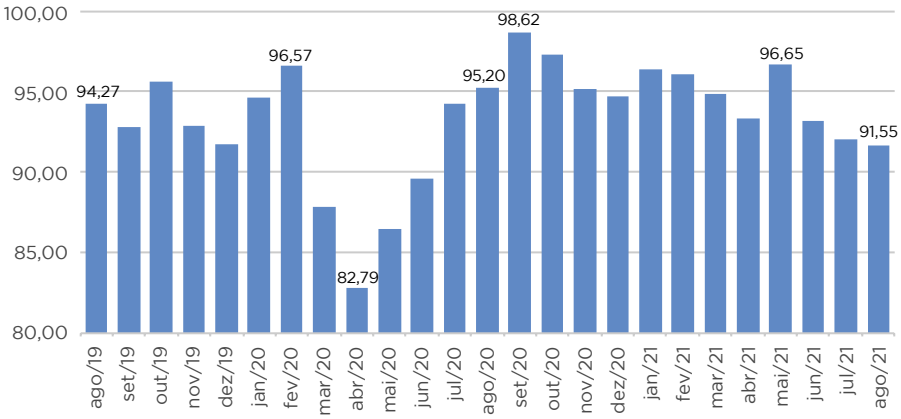
O segmento que puxou a agroindústria para baixo foi o de produtos não alimentícios, que se retraiu em 1,8%. Dentro desse segmento, a queda foi quase que generalizada, sendo a única exceção o setor de produtos florestais (alta de 1,5%). Os destaques de queda foram os setores de insumos agropecuários (-5,7%), produtos têxteis (-0,9%) e fumo (-2,9%) – todos apresentaram três contrações consecutivas nos últimos meses.

Por sua vez, o segmento de produtos alimentícios e bebidas apresentou uma leve expansão, de 0,9%, após dois meses seguidos de queda. O crescimento foi derivado de uma forte alta de bebidas, que se expandiu em 5,2%, após uma queda de 7,6% em julho último. O setor de produtos alimentícios manteve-se praticamente estável frente ao mês anterior (-0,2%).

DESACELERAÇÃO EVIDENTE NA AGROINDÚSTRIA AO LONGO DO ANO

A contração da produção agroindustrial observada em agosto último não é algo isolado, uma vez que corresponde à terceira queda consecutiva e à sexta retração do ano (na comparação mensal) até o momento. Ou seja, claramente, o setor vem enfrentando adversidades ao longo deste ano. E isso tem se dado por conta de, notadamente, dois aspectos:

ÍNDICE DO VOLUME DE PRODUÇÃO AGROINDUSTRIAL
(BASE FIXA COM AJUSTE SAZONAL; BASE 100 = MÉDIA DE 2012)



Fonte: IBGE; elaboração: FGV Agro

- A agroindústria, bem como os demais elos industriais, depara-se com o aumento dos custos, a desorganização da cadeia produtiva e a dificuldade de acesso a algumas matérias-primas. Todos esses fatores prejudicam a oferta de bens agroindustriais. Esse cenário, vale ressaltar, foi uma consequência, sobretudo, das primeiras medidas de isolamento social que foram necessariamente adotadas para tentar conter o espalhamento da COVID-19 no Brasil e no mundo.

- Ademais, o processo inflacionário vem reduzindo a renda real das famílias e o mercado de trabalho ainda se mostra desaquecido. Além disso, a economia brasileira (e a mundial) tem perdido ritmo. Todos esses aspectos reduzem a demanda pelos produtos, bem como diminuem a produção, inclusive a agroindustrial.

Em outras palavras, na agroindústria, há problemas afetando tanto a oferta, quanto a demanda por bens. Como reflexo disso, a produção do setor vem em trajetória de desaceleração, fazendo com que a distância do patamar produzido em relação ao do período pré-pandemia aumente ao longo do tempo. Isto é, em setembro de 2020, a agroindústria havia voltado a operar em um nível similar ao de fevereiro de 2020 (antes da chegada da COVID-19 ao País), porém, a partir de então, o cenário foi mudando. Desta forma, em agosto último, a produção do setor estava 5,1% menor do que no período anterior à pandemia, operando em um patamar próximo ao de 2019.

A mesma dinâmica aparece quando se consideram os grandes segmentos que compõem a agroindústria. No caso dos produtos não alimentícios, a produção também caiu em seis dos oito meses do ano com dados disponíveis. Assim, o segmento está operando em um nível 3,7% inferior ao de fevereiro de 2020.

No segmento de produtos alimentícios e bebidas, apesar da alta no mês, também se observa uma perda de ritmo, que vem desde o ano passado. Ou seja, após a forte expansão da produção de alimentos e bebidas ao longo da primeira onda de COVID-19, o segmento entrou em uma trajetória de desaceleração e, desde o último trimestre de 2020, está operando em um patamar similar ao de dois anos antes. Desta forma, em agosto último, o segmento de produtos alimentícios e bebidas estava em um nível 6,3% inferior ao de fevereiro de 2020. ■

1 Mestre em Economia Agrícola pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EESP) e pesquisadora do FGV Agro – roberta.possamai@fgv.br

2 Doutor em Economia pela FGV-EESP, professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br